A atriz Laura Hirsch na peça *O Rei dos Gatunos*

N.º 314 Lisboa, 26 de Fevereiro de 1912

ASSINATURA PARA PORTUGAL, COLONIAS PORTUGUEZAS E ESPANHA:
Ano, 4$800—Semestre, 2$400—Trimestre, 1$200

Illustração PORTUGUEZA
Edição semanal do jornal O SECULO

Diretor e Proprietario: J. J. DA SILVA GRAÇA
Editor: JOSE' JOUBERT CHAVES

Redação, Administração e Oficinas de Composição e Impressão: RUA DO SECULO, 43

Por seu poder sobrenatural

Este homem opera milagre

Os cegos enchergam, os paralyticos caminham. Os invalidos condemnados pelos medicos, recobrão a saude graças a elle

NÃO HA MOLESTIA QUE ELLE NÃO CURE

Elle supprime as dôres, sara as chagas, cura os cancros, a consumpção e os tumores, e opera maravilh que confundem a medicina moderna e desafiam toda a explicação

Offerta notavel de consultação gratuita feita aos doentes e aos afflictos. Elle os cura em suas proprias casas, sem vel-os, tão facilmente como se estivessem em sua presença

«Correspondencia especial.»—As curas quasi que milagrosas, obtidas pelo methodo do sr. professor Mann, d'esta cidade, são de um caracter tão surprehendente, que ellas causaram uma viva curiosidade, uma immensa sensação e uma admiração colossal. Innumeras vezes elle tratou doentes que eram declarados incuraveis pelos medicos e conseguiu trazel-os á saude e á vida, do modo o mais incomprehensivel. Seu methodo é envolto de profundo mysterio. Pois é averiguado que elle não se serve de droga alguma prescripta pelos medicos. Elle pretende ter descoberto uma certa lei natural, que possue propriedades especiaes e desconhecidas até hoje; com a applicação d'estas propriedades, nenhuma molestia é incuravel. E' estabelecido, por provas indiscutiveis, que o poder mysterioso que lhe deu esta descoberta, lhe permittiu dar a vista aos cegos e o uso de seus membros aos paralyticos. Graças a ella, elle reanima a chamma da vida que está quasi a apagar-se, em pessoas que estão á beira do tumulo e torna a dar a saude a doentes condemnados por summidades medicas mesmo. Elle parece exercer uma auctoridade absoluta sobre as molestias que devastam a humanidade e parece dictar suas vontades á morte em pessoa. Seus conselhos são inteiramente gratuitos e se bem que a sua sciencia o ponha no caso de limitar sua pratica só a uma freguezia abastada e de adquirir assim uma grande e rapida fortuna, elle prefere dar gratuitamente seus conselhos a todos, sem distincção de classe nem de fortuna.

«Sou dono da minha descoberta, diz elle, e faço approveitar a quem bem me parece. Posso curar com a mesma facilidade a tuberculose, o cancro, a paralysia, a albuminuria, a neurasthenia ou qualquer molestia chamada incuravel, como posso curar o rheumatismo, os embaraços gastricos, o catarrho, o envenenamento do sangue e as outras molestias que affectam o organismo. Tenho egual satisfação em dar meus conselhos ao pobre como ao rico. Quando se tracta da saude, o dinheiro cessa de ser um factor importante a meus olhos.

Eu trato o principe e o mendigo no mesmo pé de eguaidade. Para mim todos são eguaes, como deante da lei; não faço nenhuma differença social entre meus doentes. Se quero prodigalisar meus cuidados a todos indifferentemente, nada me impedirá de fazel-o. Direi mais: continuarei a cuidar de meus doentes com estes principios todo o tempo que fôr capaz de fazel-o. O que os outros fazem ou deixem de fazer, não me saberia influenciar. Sinto que é meu dever de curar aquelles que soffrem; não posso deixar meus semelhantes luctar em vão contra a molestia quando está em meu poder o allivial-os. Pois affirmo de novo que não existe molestia que eu não possa curar.

Esta affirmação póde parecer ousada! Talvez o seja, mas não o é mais que a verdade mesmo. Conheço a força maravilhosa que está em minhas mãos, porque a puz em prova innumeras vezes. Vós sabeis que a tisica pulmonar é considerada incuravel; pois, não ha muito tempo, uma donzella, Miss H. L. Kelly, foi informada pelos medicos que era atacada de consumpção e que seus dias eram contados. Na opinião d'estes medicos, o mal era incuravel. A pobre rapariga se desesperava. Pois eu a curei, embora contra o veredicto da faculdade; curei seus pulmões e tornei a dar ao seu corpo emaciado as feições de outr'ora. Uma senhora de Montbéliard, actualmente sob meus cuidados para a mesma terrivel molestia, me escreve que ella está quasi curada, e com pouco poderei contar com mais uma victoria na mi lucta contra a morte. Ninguem póde avaliar a satisfação tenho de roubar ao tumulo a preza que elle reclama; é possivel comprehender o regosijo que se apodera de n n'esta dominação absoluta que exerço sobre a morte.

A therapeutica moderna jámais curou o cancro. A cir gia opera, mas o cancro volta sempre e traz sempre a m te, lenta mas seguramente. Curo o cancro, e isto sem o prego do bisturi. Não preciso cortar as carnes nem ser os ossos; meu tratamento é facil, agradavel e não causa alguma, entretanto que o mal desapparece. Uma de m n pacientes, Mma. Melen, soffria d'este mal terrivel: ella via deante de si a morte horrenda, mas entregou-se a m cuidados e ficou completamente e radicalmente curada.

A paralysia é outra molestia supposta incuravel. Sr. Tournant soffria d'este mal terrivel. Com poucos dias a nas de tratamento, elle poude deixar o carrinho que não nha abandonado durante oito annos. — Sr. Etienne Duc ficou curado em oito dias de uma neurasthenia de que s tria havia onze annos. Sr. Ducret clama por toda a pa que eu fiz um milagre em seu favor.—Havia mais de tri annos que sr. René Larcher padecia de rheumatismo articul elle não podia mais caminhar, não comia mais, engordu muito e toda a especie de trabalho tinha-se-lhe tornado possivel; elle curou-se completamente com quinze dias meu tratamento.

Sr. Cristobal Garcia era cego, havia seis annos, em c sequencia de cataractas que affectavam ambos os olhos; cinco dias elle ficou curado sem a menor intervenção rurgica.

Os casos que acabo de citar são os que me veem á me de momento, entre as centenas de casos mais ou men identicos que estão archivados no meu cartorio; se os c é apenas para provar que não existem molestias incurave estas molestias eram incuraveis até á descoberta de m methodo; ellas não o são mais hoje.»

—Mas como é que opera essas curas maravilhosas? Co é que possuistes este extraordinario poder?

«Ser-me-hia preciso uma explicação longa demais para clarecer tudo isso; mas aqui tendes um livro que escrev no qual descrevo minha descoberta e meu modo de cu os doentes; eu não vendo este livro, mas sim o distribuo pessoas que se interessam por meu methodo; eu mand gratuitamente a todos aquelles que m'o pedem. Além d'is a toda a pessoa doente que me escreve, indicando-me sexo e descrevendo os symptomas de que soffre, envi diagnostico de sua molestia, junto com o meu livro int lado: *As forças secretas da natureza.* Dir-lhe-hei tambe causa dos symptomas de que soffre actualmente e o m de obter a sua cura pela Radiopathia. Abri em Paris um criptorio para a correspondencia. Basta, para receber to estas informações escrever uma carta dirigida ao sr. G. MANN, Secção n.º 2012 E. clé, Rua do Louvre n.º 48, Pa A todos os que me escreverem darei a prova evidente poder que possuo.»

—Quereis assim dizer que todo o mundo póde, sem cepção, se prevalecer d'esta offerta graciosa?

«Digo absolutamente o que penso e farei absolutament que digo: Todos os que me escreverem receberão meu vro, o diagnostico de sua molestia e a prova do meu pod a titulo absolutamente gratuito.»

O Carnaval de 1912

O Carnaval entre nos vem, sem duvida, em decadencia, mas, se não fôsse a chuva incessante, impertinente e aborrecida de terça-feira, Lisboa divertia-se este ano a valer.

No domingo houve horas indecisas de sol. Andava muita gente pelas ruas, de guarda-chuva engatilhado, á espera de quem a distraisse; eram poucos, porém, os que se arriscavam a distrair-se e a distrair os outros, sob pena de ficarem n'um pingo e de se desmantelarem os enfeites das suas equipagens, obrigados a papel e a tecidos nada á prova de agua. Ainda assim appareceram corajosamente uns carros ornamentados com um certo gosto e umas mascaras isoladas, menos mal vestidas e perfeitamente suportaveis, emquanto se não metiam a fazer espirito, coisa para que tão malfadada foi esta boa terra portugueza.

Na segunda-feira parecia que a primavera fazia a sua entrada triunfal. Ceu de um cobalto purissimo; sol acariciador e inebriante. Era um d'estes dias, verdadeira e exclusivamente nossos, um d'estes dias capazes de tentar os estrangeiros mais amimados pelo que, n'este tempo, ha de melhor em França, Monaco e Italia, e que é a unica recordação boa que eles levam d'aqui, onde tudo o mais lhes falta. Mais de meia Lisboa veiu para a rua ainda á espera de que a divertissem, mas parte dos que deviam fazel-o ficou-se em casa a arranjar preparativos entusiasticos para a terça-feira. Entretanto, havia animação de carros e de mascaras, batalhando-se rijamente com *confetti*, *cocottes*, *bonbons*, tremoços e alguma farinha á mistura.

O domingo e a terça-feira são os dias culminantes da brincadeira carnavalesca. O dia lindissimo de segunda feira era uma promessa animadora, segura, do que seria a terça. Devia tambem estar um dia soberbo. Não houve trem nem automovel que se não contratasse de vespera. A' noite não havia um carro disponivel. Esquadrinhou-se pelas quintas e jardins tudo o que escapára á inverneira; as papelarias, os celeiros, as capelistas, as confeitarias, todas as fabricas e depositos de petrechos e munições quasi se esvasiaram.

Fizeram-se as mais engenhosas combinações de tatica guerreira para o dia seguinte; ensaiaram-se cenas em que a beleza e o costume se conjugariam na mais empolgante harmonia; maquinaram-se mistificações, partidas, intrigas, em que as pessoas amigas seriam enredadas sem saber por quem, emfim, não houve castelo que se não armasse, não no ar, mas na contingencia de uma variação barometrica, que vem, essencialmente, a dar na mesma.

Que desapontamento doloroso! Na terça-feira choveu em Lisboa todo o dia e toda a noite, sem uma estiagem de minutos seque. Ninguem se lembra de chuva tão teimosamente pegada em dia de Entrudo. Faziam verdadeiro dó as carinhas tristes, que assomavam ás janelas a espreitar se se desanuviavam os ares carrancudos, e as mãosinhas gentis que se estendiam a vêr se a chuva caia com força. E quantas preces se não fariam para conjurar as catadupas do ceo? Mas a todas este foi surdo e a agua, pelo dia adiante, cada vez caía com mais

1—Um par da china
2—Costume do Minho

3—O general, o ajudante e o impedido, meninos Miguel Arcanjo Buteler, Ester C. Buteler e Elvira d'Azevedo. 4—O carro da familia José Pereira Machado

cadas, debaixo das varandas, onde a multidão presentisse um abrigo, mesmo impotente contra o remoinho da chuva, aí estacionava ela a vêr o desfilar dos carros, o perpassar febril de mascaras, acossadas pelas cordas de agua que as deviam ensopar até a pele.

Os carros todos descobertos, galeras, *breaks*, etc., armaram oleados á guiza de toldos; nas *vitorias* e nos *tilburys* as pessoas iam embrulhadas em mantas e oleados, ficando-lhes apenas livres os braços para força sobre a cidade. Um desespero, por fim!

Lisboa, porém, não se deu por vencida. A chuva não passa? Pois, é o mesmo. Tantos trens e automoveis alugados, tanta despeza feita, tanto plano risonho arquitetado! E saiu destemidamente para a rua debaixo de uma chuva torrencial. Onde havia o menor abrigo apinhava-se gente com sofreguidão. Nos vãos das portas, nas portas dos estabelecimentos e das es-

1—O campino menino J. Bonito 2—O carro das familias Gonçalves e Ramires 3—O carro da familia Roque da Fonseca
4—Outro campino
5—As creanças que tomaram parte no baile do Centro Hespanhol

arremessar projeteis varios. Nos *coupés* e *landaus*, as pessoas pacatas encostavam a cara aos vidros embaciados para verem melhor. E todo aquele cortejo de mascaras e veiculos ia e vinha, rua abaixo rua acima, ora ordenado e vigiado pela policia, ora n'uma pitoresca baralha de kaleidoscopio, como se o bom sol de Portugal dourasse e aquecesse tão singular espetaculo

Imagine-se, quando á chuva fustigante era tão vivo o ardor

1 e 3—Carros conduzindo mascaradas
2—A granada historica, motocicleta ornamentada

dos anos; eram as creanças, algumas encantadoras nos papeis e nos costumes que lhes haviam distribuido, pelo receio de se enganarem n'uns e de enxovalharem os outros.

4—Uma cavalgada
5—Creanças no baile do Ateneu
(Clichés de Benoliel)

do divertimento, o que seria debaixo de telhas, onde, á noite, se dançava e se representava. Uma loucura que não se descreve.

E, se no meio d'ela havia um vislumbre de juizo, quem dava a nota não eram os grandes, pela obrigação logica

O Baile do "Nacional"

1—Eduardo Costa, frade. 2—Eva Nunes, Republica 3—Lorenzo Nava, pierrot
4—Graciete Ferreira, brazileira
5—Guilhermina Muralha, estudante e Amelia Coelho, pastor dos Pirineos
6—Armando Brandão, pierrot. 7—Virginia de Souza Lima, parse (India Ingleza)
8—Maria Madalena Cunha, viloa da Ilha da Madeira
9—Vitor Hugo Magalhães, Zé Povinho
10—Vasco Cosme, sargento do exercito
11—Ilda Duro Ribeiro de Almeida, coelho preto, 1.º premio
12—Augusto Leone, Luiz XIII
13—Lavradeira
14—Vasco Teles, Napoleão
15—José Loureiro, jesuita 16—Horacio Novaes, estudante
17—Gabriela Novaes, capitão do exercito
18—Carlos Jesus, pol cia civico
(Clichés de Benoitel)

O CARNAVAL NA FACULDADE DE CIENCIAS

1—O Teatro sem ponto

O carnaval dos estudantes foi sempre uma serie de cenas imprevistas. O velho bairro latino consagrava o Deus da Folia com as mais inconcebiveis tontices, com os mais estranhos cortejos, com os mais aparatosos e abricadabrantes personagens. O grande fim era parodiar a historia; era ferir n'uma iconoclastia as grandes cenas do passado e d'este modo se viu Joana d'Arc montada n'um burrico e Henrique IV morrendo com um tabefe na revista foliona dos senhores escolares. Em Portugal a Universidade teve a primasia em taes

2—Estudantes foliões
3—As companhias dos varios teatros do pateo da Escola

folguedos com as suas recitas, onde se achincalhavam os lentes e os fundadores da instituição, depois foram as escolas medicas de Lisboa e Porto, que, n'uma imitação da turbulencia do carnaval de estudantes parisienses, souberam dar maior realce aos seus festivaes.

No pateo da escola velha fizeram-se magnificos cortejos tintamarrescos em que se ridicularisavam todas as cenas do ano, simbolisando-se da mais patusca maneira professores, lições e aulas.

Ao cabo d'algum tempo acharam pouco o cortejo e armaram, no pateo, a sua feira onde se mostravam os mais incompreensiveis fenomenos. Por fim os futuros medicos caíram na seriedade e celebraram com revistas, com um certo cunho teatral, os seus trabalhos escolares. Quando a tradição afrouxou na Escola Medica, a Politecnica tomou-a para si e d'este modo a tem guardado, fazendo o seu cortejo folião e a sua feira patusca com a maior das alegrias, reproduzindo não só trechos da vida escolar, mas d'outros acontecimentos nacionaes com uma grande graça, sublinhada com fina ironia e com o mais bem achado grotesco como se vê nas fotografias que reproduzimos.

1—Uma cena da «Princeza dos Dollars» no Teatro Sem Ponto

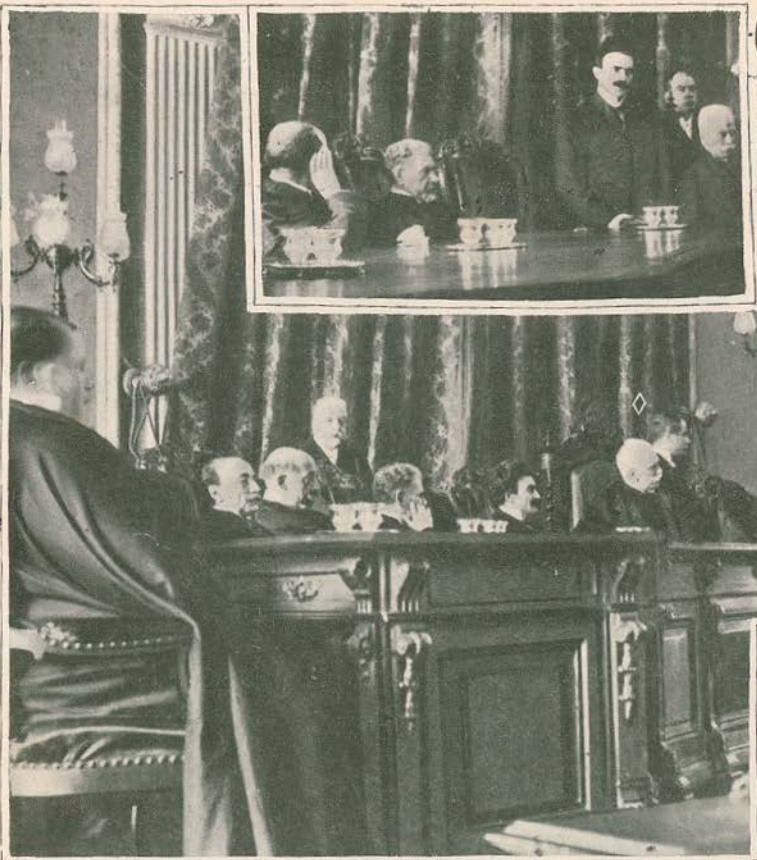
2—Cortejo carnavalesco dos estudantes na Rua da Escola Politecnica

3—O automovel da Princeza da Chuchadeira com o seu sequito (Clichés de Benoliel)

Uma festa elegante em casa do sr. Wimmer

1—Pares do «Minuete»: Mademoiselles Dundas, E. Cast, Lindemann, Wiedemann e Veiga Beirão. Sr. Hann, sr. Batzenstein, sr. Ley, sr. Nagorsen, sr. Rabmau (Clichés de Benoliel)
2—Madame Edith Wimmer 3—Sr. Wimmer—(Cliché da Fot. Alemã)

OS NOVOS JUIZES DO SUPREMO TRIBUNAL



1—O ministro da justiça falando no Supremo Tribunal e tendo á direita o sr. dr. Francisco José de Medeiros presidente do Tribunal e á esquerda o srs. drs. Poças Falcão e dr. Abel do Pinho. 2—Drs. José Maria d'Alpoim, Tovar de Lemos, Abel Augusto Corrêa do Pinho, Luiz Poças Falcão, Antonio Macieira, ministro da justiça, Francisco José de Medeiros, presidente do Supremo Tribunal, ◇ Ferreira da Cunha, Pestana de Vasconcelos, Fernandes Braga, Alexandre de Souza e Melo, Almeida Pessanha, Ribeiro Pinto. 3—A assistencia—(Clichés de Benoliel)

Como se casa na Zululandia

1—A entrada solene d'uma familia convidada n'uma boda

2—A declaração d'amor

Os zulús não se teem na conta de pretos. A côr um pouco aliviada da tez de muitos d'eles, as feições um tanto finas, a estatura robusta e esbelta não deixam de lhes dar alguma razão. Não são pretos no rigor etnico da palavra.

As mulheres então, que presumem, ainda mais que os homens, ser as creaturas mais belas e inteligentes de toda a cafraria, repelem indignadas a menor confusão das suas fórmas graciosas, do seu olhar inteligente e meigo, com os das suas congeneres do centro e do oeste da Africa.

A Sulamita ainda dizia pela boca de Salomão, no Cantico dos Canticos, *nigra sum sed formosa*—sou preta mas sou formosa—, e ela não passava de uma fascinante trigueira como todas as melancolicas filhas de Jerusalem. O que aliás não quer dizer que não haja pretas formosas.

As zulús são formosas, envaidecem-se de o ser; mas não toleram que lhe chamem pretas. São trigueiras, são escuras, são morenas; mas descendentes puras do amaldiçoado Cham, isso nunca!

Durante

muitos seculos os zulús não se diferençaram dos seus irmãos mais retintos, abrangidos sob o nome de cafres. Deante da onda impetuosa de arabes, que se alastraram pela costa oriental da Africa, os cafres resistiram o mais possivel a aceitar o islamismo e por isso os invasores lhes deram esse nome. Mas o que não fez a religião, fez a fronte alta e espaçosa dos arabes, o seu nariz proeminente, o seu corpo desempenado e elegante, o seu rosto oval sobre o comprido e um grau de civilisação que eles levavam, absolutamente desconhecido n'aquelas paragens. Não tardou o crusamento. O sangue cafre lotado com o arabe deu pelo tempo adeante exemplares sensivelmente melhorados, havendo alguns de uma perfeição admiravel, quer nas fórmas, quer na inteligencia, quer na côr.

As colonias arabes fixaram-se na costa que mais tarde havia de ser dos portuguezes, a costa de Moçambique, entre Quiloa e Sofala. Foi alí que se operou a transformação benefica d'aquele ramo dos Matabeles á força de se lhe injetar sangue estranho e vigoroso. A conquista dos portuguezes tambem lhe trouxe mais tarde uns globulos europeus de primeira ordem. De fórma que, graças aos arabes e aos portuguezes, os zulús chegaram a constituir uma tribu poderosa, um quasi estado, com uma organisação militar tão temida pelos visinhos como apetecidas por estes eram as suas mulheres.

Na Zululandia ha a poligamia, escusado é dizel-o; mas a mulher não tem a condição passiva de um objeto que se compra. Compra-se, é tristemente verdade, mas com o seu prévio consentimento, mudando assim o caso de figura para revestir, embora mais toscamente, a mesma figura que revestem outros, sancionados no seio das mais acrisoladas civilisações. Na Zululandia namora-se e ama-se com paixão, ainda que o fogo dos corações pareça abafado, desde o namoro ao casamento, por uma pragmatica fria e rigorosa, que faria honra á côrte de D. João V.

Os convidados n'um Kraal — Fazendo a sua toilette

O namorado póde segredar o que quizer á sua escolhida pelas sombras amigas e discretas dos palmares e bananaes; mas tem que fazer uma declaração d'amor em fórma e testemunhada, antes de casar. Para isso vestem-se ambos segundo a pragmatica e cingem as suas expressões a umas palavras rituaes que, para o efeito, tanto montavam ser em latim como na lingua indigena, quedando-se por largo tempo n'uma atitude contemplativa, que é a nota mais interessante do caso.

Feita a declaração, dado o consentimento e concluido o pacto, passa a noiva a arranjar a sua *toilette* ao ar livre, precedida de uma ablução geral, mas esta recatada, dentro da choça hemisferica, co-

mo se fôsse um *boudoir*. Para a *toilette* a noiva pega n'um espelhinho toscamente emoldurado e vae verificando que lhe ficam a matar o adereço de perolas que lhe põem na cabeça, o colar e varios penduricalhos exquisitos com que lhe ornam o pescoço, os braceletes que lhe vincam fundo a polpa dos braços e se lhe enroscam nas pernas pousando sobre os tornozelos, o *fichu* que se lhe ha de desprender dos hombros e a peça de vestuario que lhe ha de velar os quadris em volta.

Fica-lhe um objeto que ela só porá no dia seguinte ao do casamento:— é um segundo adereço de perolas para a cabeça em substituição do que levou no dia das nupcias. E nunca mais deixará de usar esse, senão quando lhe nascer o primeiro filho. Ao mesmo tempo que a noiva se prepara, preparam-se os convidados que se reunem n'um *kraal* amigo, ajudando-se reciprocamente E' interessantissima essa cena pelos requebros das mulheres e pelo cuidado artistico que elas põem no menor detalhe da sua pitoresca *toilette*. Depois as familias por ordem hierarquica (sempre a pragmatica) dirigem-se em ordenado e jubiloso desfile levando os seus distintivos, os seus emblemas e o chefe á frente com um ramo de flôres, para casa dos noivos onde está preparado no terreiro contiguo o festim nupcial.

Os manjares são cosinhados tambem ao ar livre em dois enormes caldeirões de ferro e constam de raizes e outros produ-

1—A «toilette» da noiva. 2—A dança do casamento: o «clou» da festa

tos vegetaes, havendo para sobremeza um *puding* escrupulosamente fabricado com sementes varias e aromatisado de hervas especiaes. Para regar tudo isso ha cerveja em abundancia levada em cabaças por mulheres que desfilam egualmente, uma a uma, com a gravidade de uma procissão.

Terminado o banquete, segue-se a dança que è o *clou* da festa. Não se imagine que se trata de uma doideira infernal como seria na primitiva fase selvagem dos zulús. Não. Aquelas caras um pouco aclaradas pelo sangue arabe já se não transtornam em esgares horriveis; a estatura geralmente esbelta de homens e de mulheres já se não desmancha em contorsões estupendas n'uma refrega de diabos á solta.

Os zulús dançam com certo proposito e notoria denguice, e as suas mulheres, até no ardor da folia, estão volta e meia a verificar, com os mais graciosos movimentos de braços e de mãos, se os seus adornos estão no respetivo logar.

Mesmo ali, em plena Africa, sente-se que na mulher o instinto de se alindar é quasi um sexto sentido e que a moda, por toda a parte, é filha legitima d'esse instinto cada vez mais apurado e da idolatria cada vez mais exigente do homem, quer se trate de um grosseiro nastro domando á força a rebeldia de uma carapinha bravia ou de uma fita finissima de seda aconchegando com delicadeza uns lindos bandós levemente ondeados, quer, ainda, de uma tanga mal amanhada ou de uma travadinha levada ao ultimo requinte de uma discreta revelação, entre nós, do que a tanga deixa a descoberto entre os zulús.

N. Florentino.

1—A mulher zulú cercada dos seus presentes de noivado 2—As zulús levando cerveja em cabaças para a boda

Figuras e Factos

A missão portugueza que foi cumprimentar Jorge V na sua viagem á India
1.º plano: O governador geral—Visconde de Wrem, consul geral na India—De pé: tenente Folque, capitão Gonçalo Cabral e tenente da armada R. Amaral

1 e 2—Destroços da derrocada no hospital de S. Thomé

João de Barros.—Acaba de publicar o seu novo volume de versos *Anteu*. De ha muito que se esperava que o poeta continuasse a sua obra tão brilhantemente iniciada com as *Algas* e continuada com a *Terra Florida*, com o *Pomar dos Sonhos*.

Dr. João de Barros, autor do *Anteu*

João de Barros um dia pareceu despedir-se da literatura. Outros problemas o tentaram; outra carreira o chamava: a educação. O poeta foi o professor, depois, com o novo regimen, o propagandista foi o diretor geral d'instrução primaria, logar que abandonou para reingressar no professorado e para novamente se dedicar aos seus trabalhos de literatura. Se a instrução perdeu com a sua renuncia ao cargo, a poesia ganhou com a publicação do novo poema *Anteu* dedicado *áqueles que sabem amar e querem amar o futuro.*

ECOS DOS TEMPORAES NO NORTE

a calma, depois de uma serie de desastres os remedios para eles e viu chegar lindos dias de sol ao cabo da tormenta.

Quasi sem transição, d'um momento para outro, o sol veiu. Como uma primavera precoce veiu a luz e o calor e a terra portugueza pareceu florescer e germinar.

Chegou a esperança; acudiram

Os temporaes já lá vão. Depois d'aquela tormenta enorme, dos rios saltando fóra dos leitos, da ventania causando derrocadas, das ondas galgando os paredões dos molhes, dos naufragios, das inundações, chegou a bonança.

Dentro em pouco não será mais do que uma recordação tudo o que se passou.

Esta terra privilegiada viu após as violencias

os sorrisos aos labios recomeçaram os trabalhos e nas beiras das estradas, compondo os estragos da tormenta, n'essa nova atmosphera creadora o aldeão canta. Agora uma nova vida, toda cheia d'atenções para o que se passou vae começar e todos os recursos possiveis se devem empregar para atenuar, tanto quanto possivel, os males das futuras inclemencias.

1—O mar entrando na baia de Leixões. 2—Embarcações fundeadas no Douro á mercê da corrente
3—Miragaia inundada

LÁ POR FÓRA

1—O Reitschag onde o imperador Guilherme pronunciou o discurso da abertura e do qual 101 membros são socialistas
2—O rei da Dinamarca passando nas ruas da sua capital momentos antes de ser acometido pela sincope anunciadora da doença que o reteve no leito—(Clichés Dellius)

Uma aproximação Anglo Alemã?!

A entrevista de lord Haldane e sir Charles Beresford — o ministro da guerra e o grande almirante britannicos — com alguns homens de estado alemães em Berlim causou, pelo seu misterio, uma grande sensação na Europa. Inventaram-se mil hipoteses; de cada lado surgiu a sua. Uns diziam que se tratava d'um acordo para se paralisar o aumento das forças navaes e terrestres; outros, que pelo contrario os dois paizes, concertaram em aumental-as. Baseavam-se estes no facto do grande almirante von Koester, amigo intimo de Guilherme II e presidente da Liga Naval Alemã, ter pronunciado em Munich um discurso, no qual marcava a necessidade da construção d'uma terceira esquadra e do aumento da marinha alemã por todas as fórmas possiveis. Tambem logo no dia seguinte, como n'uma resposta, sr. Wiston Churchill, ministro da marinha ingleza, pronunciou em Glascow um discurso, no qual dizia que a Inglaterra devia ter toda a supremacia naval e que faria tudo quanto fôsse possivel para a manter.

Então a viagem de lord Haldane apareceu como uma aproximação anglo-alemã, que tornaria desnecessario esse acrescimo de forças, essas mobilisações, desde que houvesse de paiz para paiz a maior confiança. Os alemães, que se queixavam de terem obtido poucas compensações na questão de Marrocos, por causa da *entente* da Inglaterra com a França, teriam aceitado as propostas do ministro britanico e as forças das duas nações não seriam aumentadas. Melhorar-se-iam as questões entre a Alemanha e a Inglaterra, desapareceria assim o ar agressivo da primeira, mas isto sem enfraquecimento das relações existentes de lado a lado com os outros paizes. Seria um largo inicio de paz. Parece ter sido realmente este o tema da sensacional entrevista. A diplomacia, porém, com a sua fleugma de sempre, declara á imprensa que lord Haldane foi apenas tratar de assuntos relativos á Universidade de Londres, assim como o ministro das colonias alemão, fizera a sua visita a Inglaterra para negocios relativos á lapidação dos diamantes, concluidos depois n'uma viagem á Holanda, o paiz colonial por excelencia.

De tudo isto se depreende que as grandes nações se movem com algum largo fim n'uma combinação ainda por desvendar em todas as suas clausulas. Mas de todos os lados soam as palavras de tranquilidade desde que parece ter havido a acalmação da Alemanha pela entrevista do ministro da guerra inglez com alguns dos principaes estadistas germanicos.

1—O almirante inglez Lord Beresford e sua esposa. 2—Lord Haldane, ministro da guerra de Inglaterra

A CATASTROFE DE MISARELA

1—Vista da serra tirada da margem direita do Mondego
2—Francisco Matias, cuja familia ficou soterrada e que perdeu todos os seus haveres
3—Ezequiel Batista, pastor, que guardava 36 cabeças de gado no local da derrocada e que devido a sua agilidade se salvou ficando o rebanho soterrado

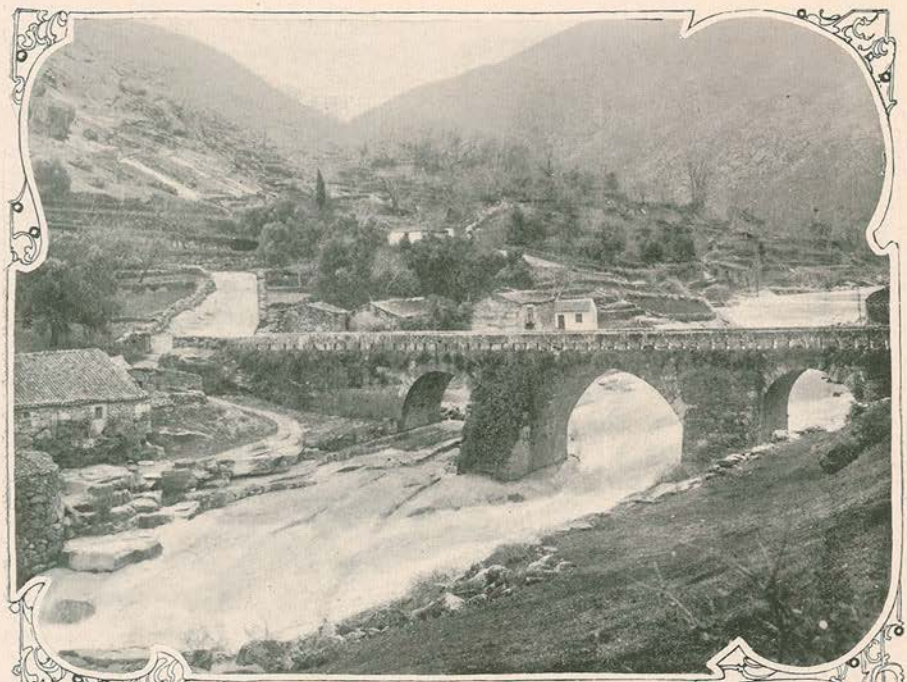
A serra do Misarela, nos suburbios da Guarda, é de origem vulcanica, de parca vegetação, coberta de vermelho e pegadiço grez.

As chuvas que se desencadearam durante os temporaes arrancaram um grande bloco da serra, que veiu rolando vertiginosamente arrastando as arvores que topava, aumentando como uma bola de neve e acabando por se despenhar sob as casas que ficavam da base do cabeço

Eram umas moradias serrenhas, as ultimas ao norte da povoação de Misarela, no vale do Mondego. O blóco, caindo com grande violencia, fez abater os telhados e soterrou em duas casas quinze pessoas. A chuva continuava a cair com força; o grez tornava-se n'uma lama pegacenta que se colava, que cedia como uma cobertura do pantano sob as pégadas dos que se aproximavam para tentar a salvação dos infelizes ali enterrados.

Oito cadaveres foram logo retirados; os outros afundaram-se n'aquele pélago de lama.

Foram enormes os trabalhos e foram



1—A ponte sobre o Mondego que dá acesso as povoações de Pero Soares e Mizarela
2—Local onde ficaram destruidas as casas e d'onde foram retirados oito cadaveres

estranhas as dedicações para salvar algumas pessoas n'aquele perigoso logar. Atiraram-se grossos barrotes para cima do barro que cedia á menor pressão, vagarosamente se tentou chegar ás casas derrocadas onde havia um homem com lama até ao pescoço, buscando debalde safar-se d'aquele logar sinistro, torturante, onde o seu corpo se afundava. Por uma grande dedicação esse conseguiu salvar-se. Um homem o foi buscar, expondo-se d'uma maneira brava.

Toda a gente das pequenas povoações visinhas acorreu apezar da tempestade, das catatas que se despenhavam do alto da serra, cavando leitos de rios no grez e vindo transformar n'um mar de lama, n'um verdadeiro pélago, o logar do desmoronamento, impossibilitando os socorros.

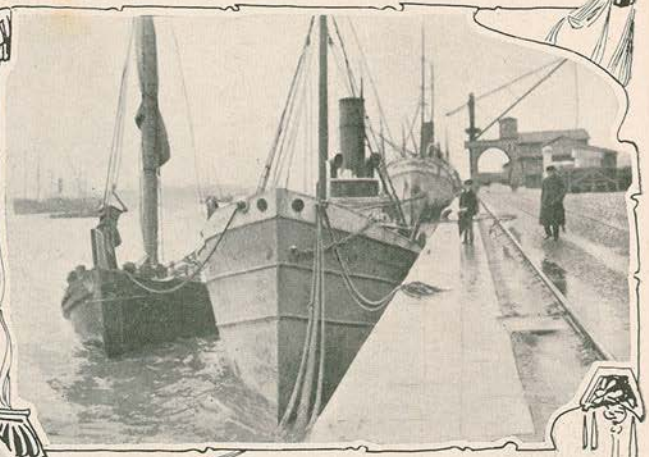
Vão-se fazer escavações a fim de procurar nos escombros os cadaveres restantes, toda a familia do proprietario sr. Francisco Matias, que, estando a alguma distancia do seu casal, escapou de ser vitima da catastrofe que, além de causar estes horrores, destruiu arvores e soterrou rebanhos que se apascentavam na serra.

O local do desastre. O s'nal ◇ indica o sitio onde começou a derrocada. No primeiro plano o ponto de onde foram tirados os cadaveres, vendo-se ainda os pranchões de madeira sem os quaes seria impossivel fazer qualquer trabalho, visto o barro e o lodo submergirem os que se aproximavam

Bernardo da Herminia, Manuel Castendo e Casimiro Reí, que desenterraram do lodo, onde estava metido até ao pescoço, Manuel Mileu

O NAUFRAGIO DO IATE RIFENHO

O vapor de pesca «Vitoria Laura», da empreza Cilia, meteu a pique, no meio do Tejo, o iate «Rifenho» que estava fundeado na Junqueira, salvando-se a custo sete homens da sua tripulação que o proprio «Vitoria Laura» recolheu. O seu capitão sr. João José de Mascarenhas — o «Juanito — comprou-o com o produto d'uma indenisação que lhe deu o sultão de Marrocos quando em 1897 esteve prisioneiro dos mouros que lhe inflingiram grandes suplicios bem como aos seus companheiros de bordo. Foi o almirante Ferreira do Amaral quem, em nome do governo portuguez tratou da questão sendo postos em liberdade d'essa vez não só os portuguezes mas alguns inglezes e hespanhoes pertencentes a outros barcos que os indigenas tinham saqueado.



1—O vapor «Vitoria Laura». 2—O capitão do «Rifenho»
3—Os naufragos do «Rifenho»

O NAUFRAGIO DA BARCA MADALENA

1—O navio «Swansea Castle» atraca do em Santos.

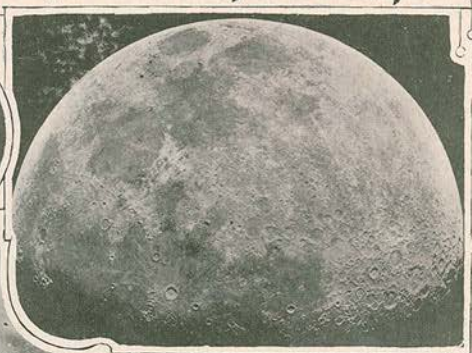
Ainda mal se tinha dissipado o alarme causado pelo naufragio do «Rifenho», quando outro desastre maritimo constou com a chegada ao Tejo do vapor inglez «Swansea Castle» que trazia a seu bordo quatorze naufragos da barca noruegueza «Madalena», que foi a pique nas costas de Marrocos, em frente de Larache, a umas 210 milhas de terra.

2—A tripulação do navio
3—Os naufragos

A barca vinha carregado de carvão com destino á Baia. O vendaval surpreendeu-a n'aquela altura, as ondas envolveram-na, a ventania desmastreou-a e assim começou a navegar em «arvore seca», á mercê das vagas, com grandes rombos no costado, a meio do mar, longe dos socoros. Lançou-se á agua um escaler, no qual meteram algumas rações de bolacha, abandonando os quatorze tripulantes o casco da barca e assim andaram quatro dias ao sabor das ondas.

O «Swansea Castle», vapor de pesca consignado á casa Wiess & C.ª, de Lisboa, ao passar, tomou-os a seu bordo, salvando-os d'uma morte certa no fim de tantos tormentos e inclemencias

A PRIMEIRA LIÇÃO DA UNIVERSIDADE LIVRE



1—O capitão sr. Melo Simas
2—O iniciador sr. Alexandre Ferreira
3—A Lua (Fotografia obtida no Observatorio de Paris)
4—Nebulose em espiral da «Ursa Maior»

5—Nebulose d'Andromeda
6—Nebulose d'Orionte
7—Cometa de 1908 (Morehouse)

ACADEMIA DE COIMBRA

A TUNA ACADEMICA EM DIGRESSÃO PELO ALEMTEJO E ALGARVE

A Universidade de Coimbra tem as suas tradições não só cientificas mas folionas. Os estudantes aguentatam atravez dos tempos, as ultimas. As suas tunas e os seus orfeons celebrisaram-se desde a epoca em que João Arroyo fez prodigios d'arte que vieram mais ou menos continuados até os ultimos e brilhantes exitos d'outro artista Antonio Joice.

Aproveitando as ferias do Carnaval os estudantes que compõem o grupo dramatico e a tuna universataria foram percorrer o Alemtejo e o Algarve deixando por toda a parte um rasto de alegria moça.

Interpretaram comedias carateristicas, tocaram escolhidos trechos de musica, discursos vibrantes foram pronunciados e uma solidariedade se tabeleceu entre os estudantes coimbrões e os das academias das terras visitadas.

Sr. Joaquim Martins, quintanista de direito e presidente da assembléa

Sr. Manuel Rodrigues, regente da Tuna

1—A Tuna academica 2—Sr. Eurico Nogueira, tesoureiro 3—Sr. Vaz Sanafana, representante da Tuna junto á associação dos estudantes de Paris 4—Sr. Almeida Cardim, membro do grupo dramatico 5—Sr. Carlos Saavedra secretario da direção 6—Sr. Caldeira Couto, diretor do grupo dramatico

Figuras e Factos

1—A exposição dos brindes do concurso do carnaval do Suplemento do Seculo *no salão da* Ilustração Portugueza
(Clichés de Benoliel)

Sr. Carlos Malheiro Dias

Carlos Malheiro Dias. — Ao cabo de tantos anos da mais leal camaradagem e de uma brilhante direção da *Ilustração Portugueza*, vemo-nos agora privados da cooperação valiosa do nosso querido amigo Carlos Malheiro Dias.

A afanosa vida literaria, no jornal e no livro, a que ele furtara preciosas horas para dirigir este *magazine*, largamente enriquecido tambem com a sua prosa elegante e tersa, voltou a reclamal-as e de uma fórma tão imperiosa que não houve meio de lhes resistir.

Despedimo-nos de Malheiro Dias com verdadeira magua. Nunca se nos apagará no espirito e no coração a lembrança afectuosa do companheiro e do amigo e ser-nos-hão sempre jubilosamente gratos todos os merecidos triunfos que o talentoso escritor decerto alcançará nos trabalhos literarios de grande folego com que vae exalçar ainda mais, se é possivel, o seu nome em Portugal e Brazil.

Sr. Lauro Muller, novo ministro dos extrangeiros do Brazil

O sucessor do Barão de Rio Branco é o distinto estadista Lauro Muller a quem o Brazil deve o aformoseamento da sua baia e a sua grande avenida, trabalhos empreendidos quando da sua gerencia da pasta das obras publicas.

AS MISSAS POR ALMA DO BARÃO DE RIO BRANCO

Em Portugal havia um verdadeiro culto pelo barão de Rio Branco, o estadista ilustre que o Brazil perdeu, e o seu nome era entre nós tão querido e tão espalhado que raro dos portuguezes d'uma certa cultura o desconhecia.

Todos os que amam o Brazil e se-

1—O altar com a bandeira brazileira envolta em crepes. 2—Os ministros da Argentina. 3—Os representantes da Guatemala e Uruguay

tugal, se sentiu o desaparecimento d'essa grandiosa figura.

Quando a noticia da sua morte se confirmou e as salas do consulado se encheram, entre os membros da colonia brazileira condoida, viam-se portuguezes de todas as camadas sociaes tão comovidos como eles pelo falecimento do ministro dos estrangeiros que tão alto levantára o nome do Brazil e tanto o fizera respeitar. Representantes do governo, da finança, do alto comercio, da imprensa, militares,

guem atentamente os seus movimentos politicos e literarios, os que lá vão em busca de um pouco de bem estar, os artistas que viajam anualmente na terra nossa irmã, os comerciantes que regressam com o seu peculio e vão instalar-se nas suas provincias, todos recordavam com admiração o nome do ilustre homem de estado. D'este modo, d'um lado ao outro de Por-

1—O sr. dr. Bernardino Machado, presidente da Sociedade de Geografia, saindo das exequias

pela perda que o Brazil acabava de sofrer. Nas onze missas que se celebraram na egreja de S. Domingos por alma do barão de Rio Branco, em 18 de fevereiro e a que assistiram mais de quinhentas pessoas, o presidente da Republica fez-se representar pelo chefe do protocolo, sr. Batalha de Freitas, e grande numero de funcionarios dos estrangeiros e d'outros ministerios compareceu no templo onde, diante da bandeira do Brazil colocada no altar-mór da egreja, se sufragava a alma de um dos

2—O sr. Batalha de Freitas, chefe do protocolo que representa o Presidente da Republica nas exequias

foram assinar os seus nomes nos registos funebres do consulado, deixar as suas condolencias n'uma espontanea e sincera prova de pesar

mais ilustres filhos da grande nação brazileira.

O corpo diplomatico brazileiro e a comissão da colonia que promoveu a missa
Srs.: 1, Dr. Mario Belfort Ramos—2, Dr. A. Veloso Rebelo—3, Dr. Vicente Ferrer—4, Dr. Artur F. de Macedo—5, A. Vasconcelos D as—6, Manuel Joaquim de Carvalho—7, Manuel José Cardoso—8, Alfredo Ferreira Baltar—9, José Nogueira Pinto—10, José Antonio J. dos Santos —11, Joaquim Soto Maior—(Clichés de Benoliel)

A MORTE D'UM GRANDE COMICO
O ACTOR VALLE

Vale foi o discipulo diléto do grande ator Taborda, o comico em que ele achou maior semelhança com os seus processos de representar. N'ele a intuição valia bem a instrução. Começou por um rasgo, acabou n'uma grande desdita.

Depois de uma agitada existencia cheia de noites gloriosas, tendo contribuido para o grande desenvolvimento da cena moderna, Vale fez-se emprezario d'alguns teatros, sendo sempre tão infelizes as suas gerencias como assinalados os seus trabalhos d'artista.

Após um grande sofrimento José Antonio do Vale, vitimado por um cancro na lingua, faleceu em 19 de fevereiro, sendo o seu funeral uma grande e saudosa manifestação dos seus amigos e admiradores.

O ator Vale
(Cliché Vasques)

2—Vale e Telmo na peça «O Cão e o Gato»
3—Vale na peça «Madrinha de Charley»

O CRIME DA TORRE EM COIMBRA

Os jornaes noticiaram um assalto á Casa da Torre d'Ato, em Coimbra. Uns esturdios estudantes da Universidade, entraram por desoras em casa do seu condiscipulo o quartanista sr. José da Cunha e levaram uns objetos a fim de lhe fazerem uma partida carnavalesca. O dono da casa deu participação á policia, sendo os assaltantes presos, o que foi um facto sensacional no meio coimbrão.

A proposito d'esta cena o nosso colaborador sr. Ruy Upsala tem a palavra :

1—A casa da Torre: A Torre d'Anto, onde viveu Antonio Nobre
2—Antonio Nobre o primeiro morador ilustre da casa da Torre

3—O interior da Torre do Anto, quando em 1910 ai viveram os academicos Eugenio d'Araujo e Reis Torgal

«...Quem não ouviu falar do crime, crime nefando e singular que alguns escolares, de ruins e maus propositos, com figados vis e pouca fé, praticaram em Coimbra?

Por boa ventura não leram a nova do atentado á fazenda, pertenças e musa de um poeta, que cursava as aulas de Direito?

Entraram os malditos pela porta escusa que quasi se funda na calçada do antigo coleg o novo, aqui erguido para piedosa e tocante educação dos desamparados, e logo pularam por um corredor de escadas que erguem até á Torre. Aqui morava n'estes tempos o joven Josué que em vagares de suas aulas meigos cantares compunha.

Suas magoas dôces rimando em dôce rimance estava o Poeta quando Deus lhe fez aviso do ataque e preveniu seu corpo contra os perros assaltantes. Temente a Deus e temeroso da mal fundada pertinacia de seus adversarios que o atentavam para folias e brigas que sempre foram mal reputadas, Josué, que tinha espirito e artes de afastar tentações malignas se recata em fundo quarto, no amago da casa, onde os vis assediantes mal percatavam que elle fôra ajoelhado e orando. Assim se deteve por espaços, a fé a poucos recobrando, logo decaíndo, consoante os ruidos de seus inimigos se faziam arredados ou vis'nhos.

Nem tiveram pejo os infidos amigos de discorrer por todas as casas em busca de sua vitima ou de suas pertenças e mais cousas valiosas como saciassem seus impetos e voracidade desumanos. Por sua mesa que era de damasco com horolas e franjões de ouro mui lustroso, desparziram sinaes de sua pouco digna conduta que bem mal pareceu em pessoas d'aquela condição.

Um d'eles, mais garrulo, que bem mostrava ser goliardo desbocado e sem pudor, então se alevantou sobre eles e disse:

—«A qual de vós topar com o Poeta daremos esta cegonha d'ele, toda em prata, por subido galardão».

E todos foram diligentes de o topar.

Correram pressurosos as escadas e invadiam prestes a alcova. Junto a esta tremia o Poeta seus braços a Deus

Na esquadra: Os estudantes implicados no *assalto* á casa da Torre d'Anto. Sentados: Carlos de Sampaio, Antonio Bossa e Arthur Afonso. De pé: Filinto Elisio de Moraes, Luiz Soares d'Albergaria, Vicente S. de Carvalho e Rebelo d'Andrade

1—Saindo da esquadra
2 — Todos os objetos desviados: o corpo de delito
3—A's grades da prisão

apenas se consumissem.

Depois, reunindo em terreno a seus visinhos lhes deu mostrado rol e prova do que os tunantes lhe haviam furtado, com desprazimento do Senhor, porque a um caíram, em caminho, os cantares que ao Poeta tinha, para seu proveito, furtado tambem.

E então Josué, dando relação de seus inimigos ao braço do corregedor do crime que então era o licenceado Florencio Henrique, louvou Deus por lhe ter guardado, das mãos dos perros, aque-

erguendo em pedido de paternal piedade por ele tão desvalido para a resistencia. Apolo lhe surgiu em flamas ardentes, todo em luz envolto, como aconselhando que perante Deus bem valeram os esforços de suas rimas. Assim animado por tal prova de magnifica esperança, o Poeta a Deus levantou as suas justas trovas.

Como por milagre novo de Orfeu se sustiveram os satanicos emissarios, e logo em toda a casa se fez claro dia assocegado e Josué subindo á janela viu seus inimigos em tropel, cada qual sobre os outros transpassando, na rapida fuga, que todos não faziam mais que um...

Então se perturbou sua alma do santo auxilio que de Deus houvera e, devoto, sua cabeça inclinando, fez ordem e mandado a seu servo, que de terras de Espanha trouxera, a que se acendessem as tochas mais altas no altar da Torre e até meio

las trovas tão suas amadas, alembrando-se da fama e gloria de Luiz

(Clichés J. Tinoco)

de Camões que embora em perigo de naufragio seus Luziadas reavera e depois com eles se fizera Poeta egregio e amigo notado de sua Patria.

Em estampa se mostram os maus tempos que seus adversarios tiveram para corregimento e temperança dos seus desmandos.»

(Transladado da *Cronica da Torre do Anto e de seus feitos tanto ao presente como passados.*)

Como se fazem as mascaras

Os grandes fabricantes de mascaras são homens de imaginação. Não inventam a banalidade d'um rosto mais ou menos feio, vão ao ineditismo do grotesco e editam-no. São os homens com orelhas de burro, as cabeças de burro com lunetas, aves com chapeus, palhaços com cristas e tudo isto sae das suas mãos como das do Creador—segundo a lenda—saiu nosso pae Adão: amassado em barro.

No fundo de uma oficina o escultor bizarro trabalha tão gravemente como se debaixo dos seus dedos fôsse sair a mais pudica imagem mas quem analisar as voltas que dá ao seu barro verá como se torcem linguas dolorosas, se escancaram bocarras patuscas e estravagantes, se achatam narizes rubros, se rasgam olhos ou se fazem rugas comicas e não poderá deixar de rir. Então n'outra oficina essa mascara d'uma originalidade singular, d'um

A moldagem (Clichés de Delius.)

Mascaras da casa Valente (Clichés de Benoliel)

comico extra-humano vae soffrer as aplicações da pasta molhada e aqueles tregeitos, aqueles traços, as configurações ridiculas, os enormes lobinhos das calvas largas, tudo isso resae, fica modelado. A caraça começa a ser alguma coisa. Passa para as mãos do pintor e então o comico vae aumentando sempre. Agora são as chapadas de vermelhão que se lhes atira, logo os sulcos negros que se pintam, d'aí a pouco as barbaças, as bigodeiras, as suissas d'um gosto estravagante e bizarro.

E assim surgem, n'um flagrante contraste com a natureza mas marcando o mais alto grau de estravagancia, brancos de carapinha de hotentote e negros de bigodes loiros.

O carnaval consome tudo isto.

No ano seguinte nova fantasia porque a mascara deve ter imprevisto, ser como a caricatura formidavel que fere a retina e não esquece mais.

Foi a mais curiosa invenção do Entrudo, que assim creou, com o misterio, a gargalhada.

O aperfeiçoamento (Clichés Delius)